



Revista
ESCRIVERSOS
UNIVERSOS ESCRITOS

Volume 1 Maio de 2024 R\$15



Publicada em
COLATINA, ES, BRASIL
no dia
1º DE MAIO DE 2024

Edição e Design
ZIÃO DIONÍSIO

Ilustrações
DOMÍNIO PÚBLICO

Editora
TROPICALVERSOS.COM

Patrocínio
MARIA EMÍLIA DOS SANTOS



EDITORIAL

~
FALA, ALAN MOORE!

~
TONS DE VERDE NÃO ME ACALMAM
Tatá Aeroplano

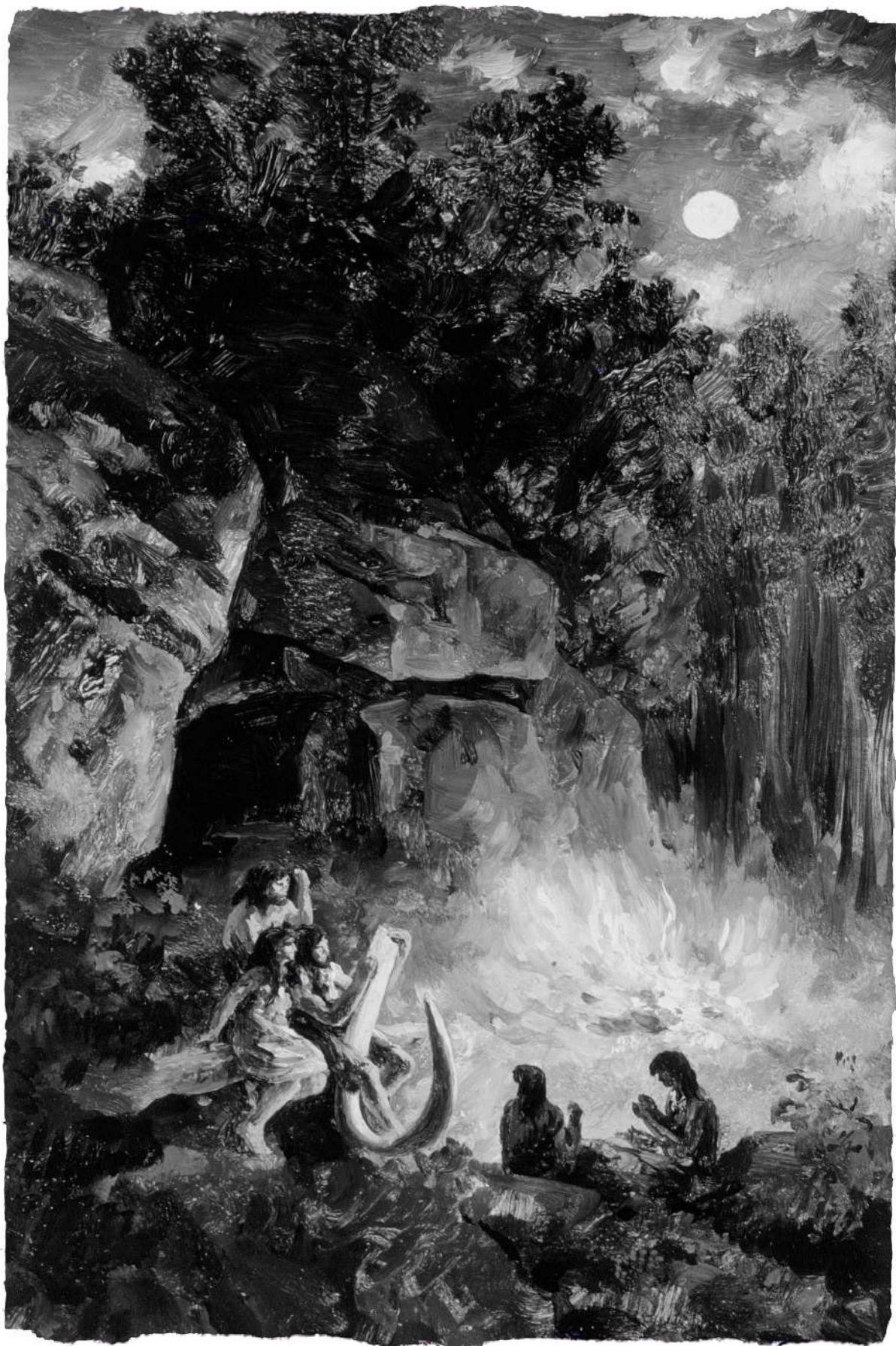
~
DOMINGO SEM PROMESSAS
Maria Emília dos Santos

~
ENTREVISTA COM
LEÔNIDAS FACHETTI

~
CAEIRO ME DISSE UMA COISA...
Álvaro de Campos

~
ESTÉTICA SOLARPUNK
Ziã Dionísio

~
DICAS DE LIVROS
Leônidas Fachetti



Cena do Período
Paleolítico Superior Quaternário
José María Velasco (1840-1912)

EDITORIAL

ZIÃO DIONÍSIO

Lá vem ela, toda prosa, cheirando perfume de rosa, com erva seca na boca, cheia de fumaça, andando como quem dança, em meio à uma loucura cotidiana, de imaginar personas...

Com uma cadeira de praia e um pacaia, queima folhas de tabaco e suja folhas brancas com tinta...

Uma pessoa entra nas linhas, passando os olhos e ouvindo rimas, com vozes que adivinha, ou lembra...

Universos Escritos... Escriversos... em cada palavra um começo...

Boa leitura... :)

FALA, ALAN MOORE!

ΤΡΥΧΟ ΔΣ UΜΑ FΑLΑ ΔΣ ΑLΑΝ ΜΟΟRΣ

ΤRΑDUZΙDΑ ΡΟR ΖΙΆΘ ΔΙΟΝΪΣΙΘ

Os lugares onde vivemos, até um certo ponto, eles nos escrevem.

Somos dependentes de todas as influências do lugar e da época em que surgimos e crescemos... Ao mesmo tempo, escrevemos os lugares onde vivemos.

Certamente Northampton, onde eu moro, e provavelmente a maioria dos outros lugares, no momento atual parecem estar particularmente desencantados.

Parece que não há sentido em nada. Não há alegria. Não há encantamento nenhum em nossas manchetes de jornal, nem nas ruas por onde andamos.

Portanto, me parece que um dos deveres da literatura e da arte em geral é o reencantamento do significado da terra, desses espaços esquecidos, dessas pessoas esquecidas, para fazê-las brilhar com vida novamente. Esse é o trabalho da arte, ou pelo menos parte dele.

Se você puder conectar narrativas a lugares, então você estará meio que sobrescrevendo a realidade.

Quero dizer, quando pensamos na Londres vitoriana, na verdade não estamos pensando na Londres vitoriana, estamos pensando nos textos de Charles Dickens.

Tudo isso porque Dickens conseguiu sobrescrever a realidade de sua época de uma forma que deu a ela significado, e que era reconhecida como precisa pelos leitores da época, que pensavam "Sim, este é o nosso mundo".

Portanto, essa é uma das funções da arte e da escrita.

Acho que esse tipo de coisa tem mais poder do que as pessoas pensam. Com certeza tem mais poder do que muitos escritores pensam.

Com as palavras certas no lugar certo, você pode mudar o mundo, mesmo que seja apenas um canto de cada vez.

Se você puder encher esses lugares com vida, então acho que o mundo real talvez siga o exemplo.

Fala transcrita do vídeo:
youtu.be/lkw-NZ1tMmg



Em Bermuda
Prudence Heward (1895 - 1947)

TONS DE VERDE NÃO ME ACALMAM

TATA ΑΣΡΟΡΛΑΝΘ

Tons de verde não me acalmam. Muito menos se desprendem da inevitável ciência de ser partícula receptora de loucuras cósmicas. Me inspiro. Acendo um. Deito uma cerveja de alto teor alcoólico. São onze da manhã e não tem nada melhor do que enlouquecer com apenas um copo americano de power coffe no estômago. Sorry meu querido e inestimável órgão interno, mas hoje vou dar prioridade para outros tipos de voos e você vai segurar essa onda bicho.

Estou de frente pro mato. Mata ciliar que cerca o pequeno ribeirão do bairro do Passa Três. Me organizo no meio de uma clareira para observar a natureza local que, de uns tempos pra cá, voltou a ser exuberante. Em meio a tantos pássaros exóticos: Saíras amarelos, sanhaços azuis, verdes, cinzas, gaturamas, pintassilgos.

Quem rouba a cena é um filhote de pardal. Ele está aprendendo a voar. Não para de cantar por um segundo sequer.

Se arrisca em pequenos saltos e totalmente sem noção voa atrás de curruíras, tico-ticos e sanhaços pedindo comida. Com essa gritaria louca no meio da mata o bichinho é presa fácil.

O pardal pai é o primeiro a aparecer. Alimenta o pardalzinho por um bom tempo e some em seguida ... a pardal mãe chega na sequência e fica um pouco com o filhote que arrisca um voo mais ousado e quase é pego por uma águia de rapina, interceptada, vejam só, pelos sanhaços azuis. Salvo do ataque, o pequeno pardal se esconde num arbusto baixo e passa o resto de tempo por lá. Continua gritando, mas dessa vez no meio dos arbustos.

A natureza é sensacional. Observo o vai e vem das mamangabas enormes que voam no estilo helicóptero visitando as flores baixas da pequena floresta. Borboletas brancas e amarelas alternam as mesmas flores. São dezenas, centenas de borboletas de várias espécies, abelhas silvestres, vespas, pequenas moscas.

Fixo o olhar nesse universo que antecede o salto dos pássaros e estou a mercê do deslumbrante universo dos insetos.

Alto das ideias me volto para dentro e começo a confabular com as minhas entidades interiores, que são muitas e intensas. Melodias brotam a todo instante.

Mas o dia é de conectar com os caras da escrita. Antes de deitar a primeira cerva do dia, li boa parte do livro 'Cartas da Rua', do mister Bukowski, tô lendo esse livro pela segunda vez. Ler um livro duas vezes pode ser uma experiência excitante ou decepcionante. O velho Buko, meu caro, jamais decepciona, se torna melhor a cada lida.

Deito mais uma cerveja quente. Acendo a ponta. Agora meu corpo se manifesta. Começo a conversar com ele. Os dedos do pé reclamam da bota, as palmas também. Eles querem sentir o mato. Querem pisar na mata. Tiro as botas e as meias. Nos últimos anos voltei a correr e a andar muito a pé. Passei a dividir muitas histórias e confidências com eles, maiores companheiros de estrada. Dadas as corridas matinais. Endorfina vez ou outra. Viagem das boas.

Minha mente divaga até o momento que um bando de saguis aparecem perto de uma pequena amoreira.

Um bando, mais de dez com certeza. Eles chegam assobiando e fazendo umas caretas pra mim. Um assovio fino e forte. FIU! FIU! Um canto um tanto quanto enigmático, com aquela ancestralidade que bate no entes internos.

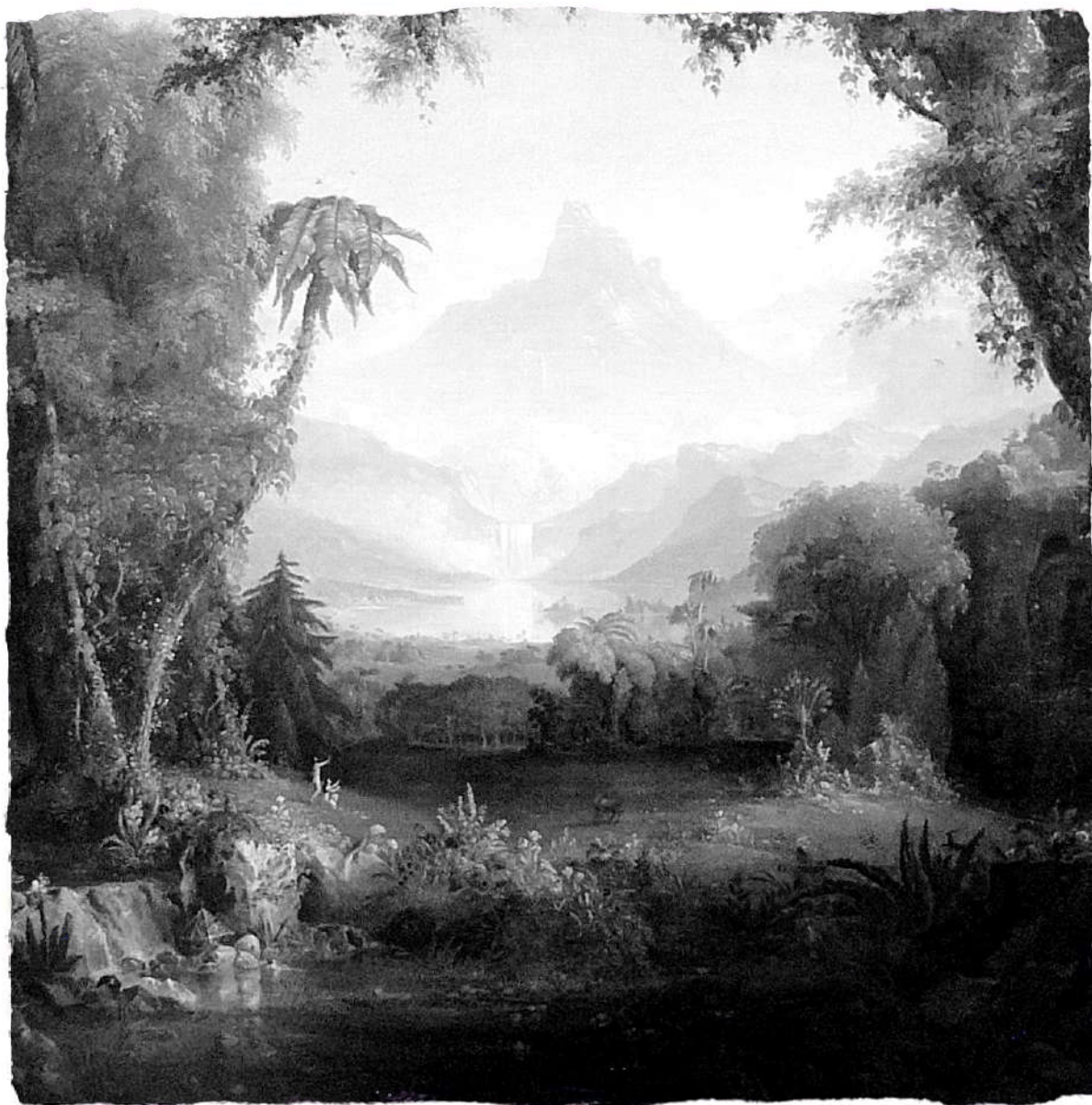
Miro a paisagem, não faço mais parte dela nessa existência, mas estou lá sentado, invadindo o espaço dos saguis, conectando a ancestralidade por uma manhã. Um dia virarei pedra novamente ... e habitarei o interior do planeta. Bem lá dentro. Bem no núcleo. Fogo. Que é pra onde nós vamos quando deixamos o corpo que no final de tudo mesmo, vira cinzas, vira lava, vira ar, vira larva, vira água, vira pedra. Vai pro céu e pro centro. Vai pra tudo quanto é canto.

Os saguis estão me intimidando mesmo. FIU! FIU! Estou na área deles.

O que eu posso dizer é que passei minha infância inteira nesse local e não vi um deles. Agora eles voltaram nessa pequena faixa de mata que um dia foi embora e de uns anos pra cá voltou.

Dá um frio na barriga encontrar eles pela primeira vez. Era um sonho de infância ver os macacos no sítio.

Olho para o mesmo ribeirão em que pesquei em Janeiro desse ano e ele está praticamente vazio, um pequeno filete de água. Durante toda a minha infância, jamais presenciei ele seco dessa maneira. Divago e peço às entidades que não falte água para os bichos, insetos e pássaros da mata. A humanidade anda por onde? Começo acreditar na não existência.



O Jardim do Éden
Thomas Cole (1801 - 1848)

DOMINGO SEM PROMESSAS

M. ΣMÍLIA DOS SANTOS

Uma fresca manhã de outono amanheceu.

Nem me lembro mais a decepção do dia anterior.

Manhã de um domingo sem promessas, que certamente será um domingo como outro qualquer, sem expectativas. Coração sem tempo e sem vontade de pensar no que poderá ser hoje.

Não posso parar, e mesmo que eu pense em parar: a vida segue. A vida sempre segue e na maioria das vezes por caminhos que até escolhemos por pura falta de opção, ou sorte.

E os caminhos? Há os caminhos! Porque será que eles sempre acabam nos levando onde não queremos ir. Lugares solitários e vazios, cheios de gente oca.

Pessoas são coisas interessantes, ou não. Pensamos que elas são o que dizem ser, mas elas mentem.

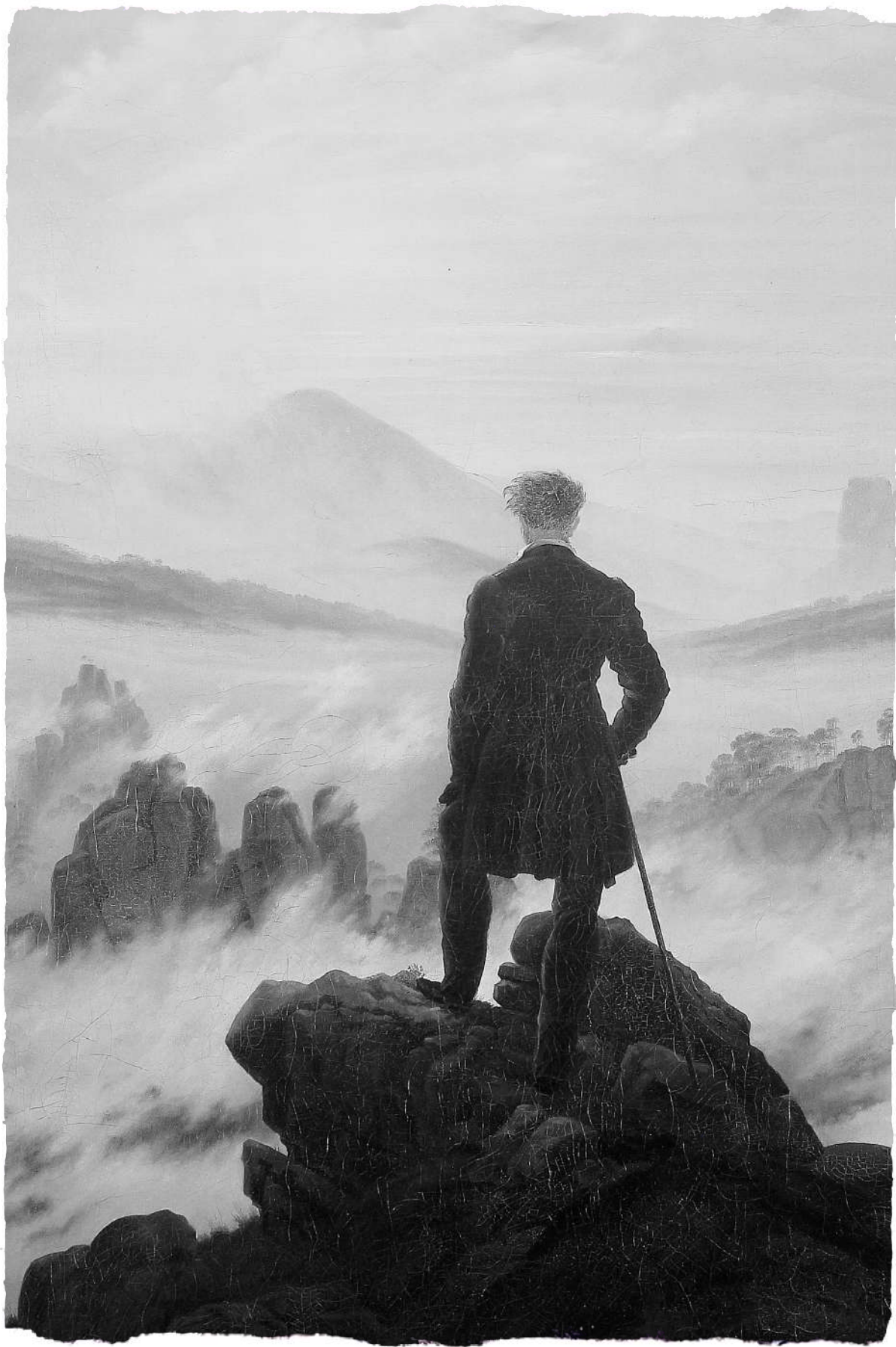
E hoje é só mais uma fresca manhã de outono como outra qualquer, não carece de preocupações. Sou o que sou com minhas imperfeições, e as pessoas são o que são com as imperfeições delas.

E a vida simplesmente segue, num domingo. Apenas mais um domingo.



Primavera

Marie Bashkirtseff (1857 - 1884)



O Vagante Acima da Névoa do Mar
Caspar David Friedrich (1774 - 1840)

ENTREVISTA COM LEÔNIDAS FACHETTI

POR ZIÃO DIONÍSIO

Leônidas Fachetti é autor dos livros "Stake Bros", "Hell Roça", "Um Bom e Velho Lobo", entre outros. É o organizador da coletânea "Contos do Impossível", com histórias de aventura, fantasia e ficção científica.

COMO SÃO PRA VOCÊ AS SENSACIONES E MOVIMENTOS DE QUANDO SURGE UMA IDEIA PRA UMA HISTÓRIA OU UM PERSONAGEM NOVO?

Eu sempre penso que um personagem tem que ter "motivação". É o que ele tem vontade de fazer, o jeito dele de agir, o seu grande objetivo. Todo personagem, primário, ou figurante, tem que ter uma motivação, por menor que seja.

Voltando a pergunta, muitas vezes a ideia vem de uma cena, ou de uma frase, ou de um lugar. Tudo isso é inserido em uma história maior, depois que criamos o protagonista e "preenchemos" sua ficha. Cada personagem principal (e, talvez, o vilão) deve ter uma ficha assim.

É uma espécie de questionário, onde você faz perguntas sobre quem ele é, se tem parentes, o que sabe fazer, com o que trabalha, etc. Isso ajuda a construir o personagem, com riqueza de detalhes.

No final desse processo, você entende perfeitamente como ele pensa e age. Assim, ao bolar a primeira cena, basta criar uma situação e "jogar" o personagem nela.

Meu processo criativo é assim. Criar um personagem divertido, jogar ele na primeira cena, com um problema a ser resolvido. Todo o restante segue por mera análise de "causa e efeito", "ato e consequência".

No devido tempo, aquela "ideia" ou "diálogo" ou "lugar" são inseridos na trama.

CONFORME A HISTÓRIA COMEÇA E VÃO SURGINDO AS CENAS, COMO VOCÊ VAI ORGANIZANDO A COMPLEXIDADE CRESCENTE DE ELEMENTOS NA NARRATIVA?

Eu sempre penso como se fosse um filme. Cada "cena" tem uma utilidade, uma função. Elas estão naturalmente conectadas a outras cenas, por relações de "causa e efeito".

Quando a história é em primeira pessoa, o protagonista estará presente em toda as cenas. Então, muito do que o vilão faz, acontece longe de onde ele está, e o herói só vai ficar sabendo depois, quando alguém contar para ele ou quando ficar sabendo, de outra maneira (investigando, visitando o local do crime, etc).

Numa história em "terceira pessoa", você pode criar cenas com o vilão e seus capangas, em lugares diferentes, bem longe do herói. Há mais liberdade. Porém, aquela relação de "causa e efeito" deve estar presente em todas elas. Uma sendo consequência da outra.

Quando falamos de "cenas", é importante saber que toda cena tem que ter uma utilidade para a história. Se uma cena não serve para nada, ela nem deveria ser escrita.

Isso não quer dizer que você vai dar todas as informações de "mão beijada". Uma cena serve para alguma coisa, é claro, mas ela pode servir tanto para passar "informações erradas", quanto para "passar informações corretas".

Diferente de muitos escritores, eu prefiro escrever, de maneira bem livre. Mantenho uma ideia clara de tudo o que aconteceu e vou criando, criando, criando, até que tenha uma boa ideia para o final. Então, conduzo os acontecimentos até o final.

Depois, volto ao início e leio, tudo de novo, para ver se tem alguma contradição (isso é bem mais fácil, no final, quando a história já está pronta). Por isso é tão importante escrever a história até o final, antes de qualquer reformulação, que será feita na primeira revisão.

COMO VOCÊ CRIA O MUNDO AO REDOR DAS PERSONAGENS E AS APARÊNCIAS DELAS E DOS CENÁRIOS?

Quanto a isso, a melhor dica é "começar pequeno" e criar o mundo conforme a necessidade.

Em HAIL TO THE SCUMS, eu comecei com a pequena vila de GILLIAN STOP. Um lugar que tinha tudo, mas sem exagero. Tinha um ferreiro, tinha uma torre de guarda, um lugar cheio de comerciantes, um monte de propriedades rurais.

Era perfeito para as primeira aventuras do herói. Limpar uma estalagem de baratas gigantes, um ataque de lobos, alguns salteadores de estradas. A medida que as aventuras foram ficando maiores, criei uma cidade, bem maior, onde ficava o castelo do rei...

A vantagem dessa abordagem é que as localidades se tornam cheias de significado, de importância, a medida que se tornam familiares, tanto para o leitor quanto para o personagem.

Quanto à aparência, é interessante tentar pensar em cada lugar como algo funcional, real, como se ele realmente existisse.

Uma vila, por exemplo, precisa de água e de comida. Pode ser através de uma floresta, onde caçam, campos de cultivo. A água pode vir de um riacho, rio, lago ou poço. Todas essas escolhas tornam convincente o lugar e dão margem a certas aventuras ou fatos curiosos.

"Pense pequeno e vá tornando as coisas maiores, ao longo da viagem" é a melhor abordagem.

QUAIS MENSAGENS VOCÊ BUSCA PASSAR NAS COISAS QUE ACONTECEM NAS HISTÓRIAS QUE ESCREVE?

Na maioria das vezes, tenho como objetivo mostrar a importância da coragem, da bondade, da virtude.

Muitas vezes, essas qualidades são colocados à prova, nos desafios que o herói enfrenta. Outras vezes, elas são ausentes, nos anti-heróis, e isso lhes causa a ruína.

Nesse aspecto, é importante que o herói tenha atitude. Ele não precisa fazer tudo certinho. Porém, o leitor não gosta de um personagem que fica se martirizando, pensando na vida, reclamando, e, na prática, não faz nada.

O protagonista de uma história tem que tomar atitudes, e arcar com as consequências de seus atos.

QUAIS SEUS CONSELHOS PARA PESSOAS QUE QUEREM ESCREVER MAS SE SENTEM SEM INSPIRAÇÃO PRA COMEÇAR OU PRA CONTINUAR UMA HISTÓRIA?

Meu conselho é "comecem".

O melhor começo parte de duas opções: "uma explosão" ou "algo muito curioso".

O início de um livro é o momento em que você precisa fisgar o leitor. Para isso, tem que ter algo impactante, que instigue a sua curiosidade.

No primeiro exemplo, não estamos falando de uma explosão, propriamente dita. Mas tem que ser uma cena cheia de ação. Uma luta, uma perseguição, uma confusão. Algo bastante agitado e divertido. No segundo exemplo, um simples diálogo, com assuntos misteriosos ou divertidos, já é suficiente para deixar o leitor "querendo mais".

Quando falo que "o importante é começar", estou querendo dizer que o personagem, e a história, ficam cada vez mais interessantes a medida que progridem.

Assim, não se preocupe demais com o começo. O começo é só isso: o ponto de partida de onde toda a trama se desenrola.

Quando inventaram os "flash backs", eles transformaram o começo em algo ainda menos importante, já que o "começo" nem sempre será o verdadeiro "começo".



Lágrimas de Cebola
Cagnaccio di San Pietro (1897 - 1946)

CAEIRO ME DISSE UMA COISA...

ÁLVARO DE CAMPOS

Houve um dia em que Caeiro me disse uma coisa mais que espantosa. Falávamos, ou, antes, falava eu, da imortalidade da alma, e achava que esse conceito era necessário, ainda que fosse falso, para se poder suportar intelectualmente a existência, e ver nela mais que um amontoado de pedras com mais ou menos consciência.

- Não sei o que é ser necessário, disse Caeiro.

Respondi sem responder. - Diga-me uma coisa. O Caeiro o que é para si mesmo?

- O que sou para mim mesmo? repetiu Caeiro. - Sou uma sensação minha.

Nunca esqueci o choque da frase contra a minha alma. Ela presta-se a muita coisa, inclusive a coisas contrárias à intenção de Caeiro. Mas, enfim, foi espontânea, foi uma réstia de sol, iluminando sem intenção nenhuma.



Floresta de Bambus
Abdullah Suriosubroto (1878 - 1941)

ESTÉTICA: SOLARPUNK

ZIÃO DIONÍSIO

**"Somos solarpunks porque
as outras opções que restam
são a negação ou o desespero"**

As histórias Solarpunk são histórias onde a humanidade utiliza tecnologias novas e antigas para habitar o planeta Terra de forma ecológica.

O termo foi mencionado pela primeira vez em 2008 no blog Republic of the Bees, num texto chamado "From Steampunk to Solarpunk" (Do Steampunk ao Solarpunk). Para o autor:

"Uma das principais diferenças entre o solarpunk e o steampunk é que as ideias e as tecnologias do solarpunk não precisam permanecer imaginárias, e eu tenho a esperança de um dia viver em um mundo solarpunk."

Ao longo dos anos mais pessoas escreveram e refletiram sobre o assunto, e em outubro de 2019 foi publicado o Manifesto Solarpunk.

Buscando respostas para a pergunta "Como uma civilização sustentável se parece e como podemos chegar lá?" o manifesto diz:

"A estética do solarpunk mescla o prático com o belo, o bem projetado com o verde e exuberante, o brilhante e colorido com o terroso e sólido.

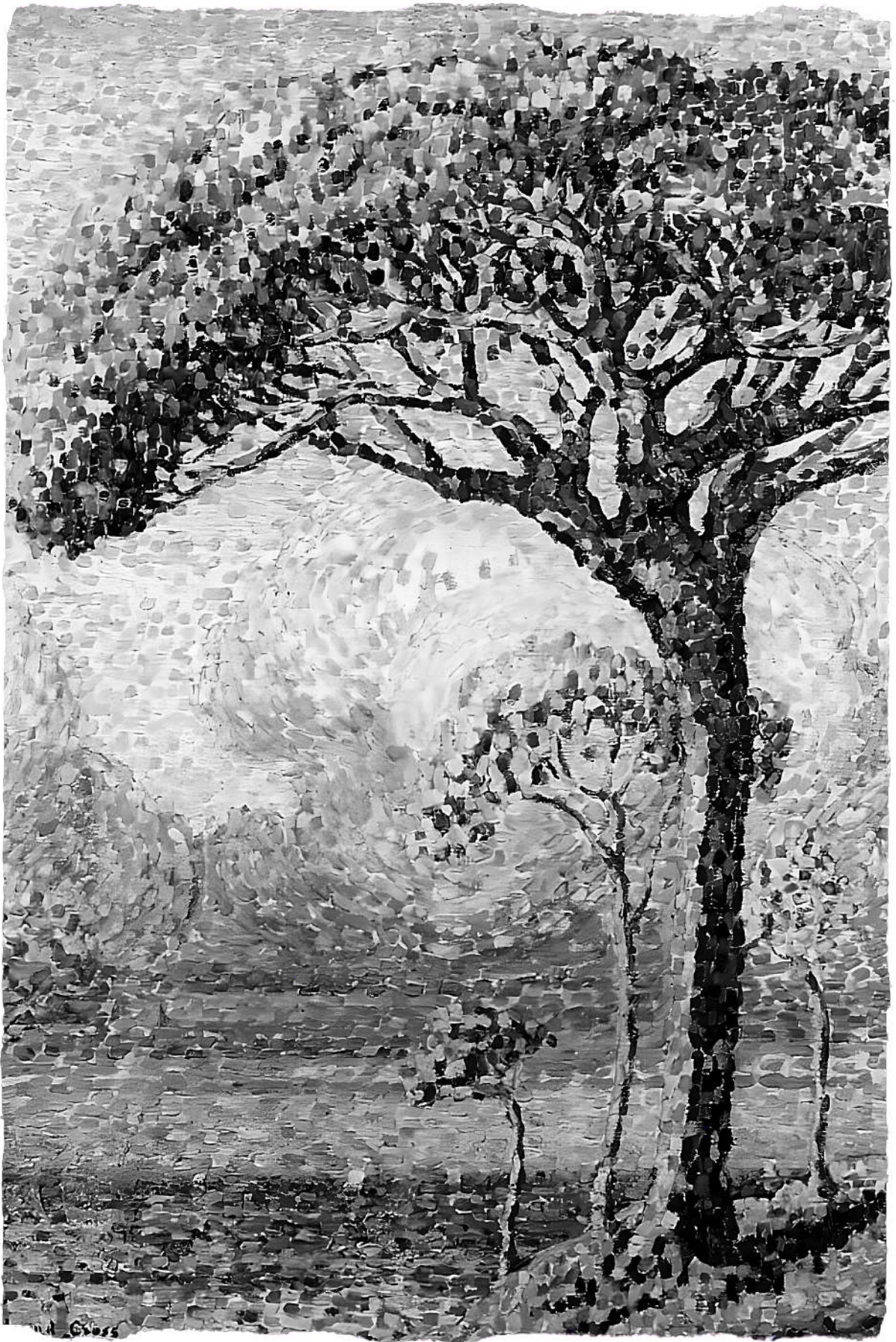
O Solarpunk pode ser utópico, apenas otimista, ou preocupar-se com as lutas no caminho para um mundo melhor, mas nunca distópico. À medida que nosso mundo se agita com a calamidade, precisamos de soluções, e não apenas de avisos.

Soluções para prosperar sem combustíveis fósseis, para gerenciar de forma equitativa a escassez real e compartilhar a abundância em vez de apoiar a falsa escassez e a falsa abundância, para sermos mais gentis uns com os outros e com o planeta que compartilhamos."

Num tempo onde os livros e filmes de distopias se ploriferam cada vez mais, a frase a seguir é um lema na luta contra isso:

"Somos solarpunks porque o otimismo foi roubado de nós e estamos tentando pegá-lo de volta."

Leia o manifesto em:
re-des.org/es/um-manifesto-solarpunk-portugues-brasil



Um Pinheiro
Henri-Edmond Cross (1856 - 1910)

DICAS DE LIVROS

POR LEÔNIDAS FACHETTI

O entrevistado dessa edição
indica livro que gostou de ler:

CRÔNICAS SAXÔNICAS

Bernard Cornwell

APRENDIZ DE ASSASSINO

Rob Roy

ZONA MORTA

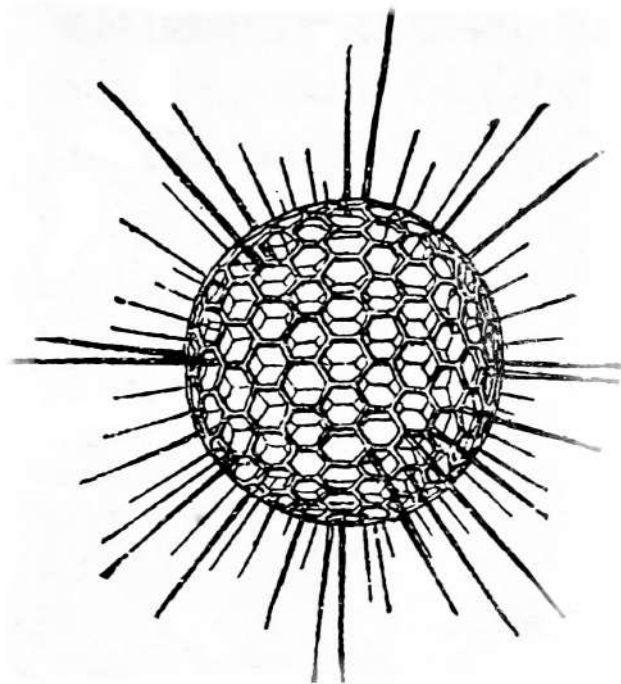
Stephen King

A GUERRA DO VELHO

John Scalzi

O LOBO DAS ESTEPES

Cohn Ygulen



Obrigad@ pela leitura =)

Acesse outras obras em:

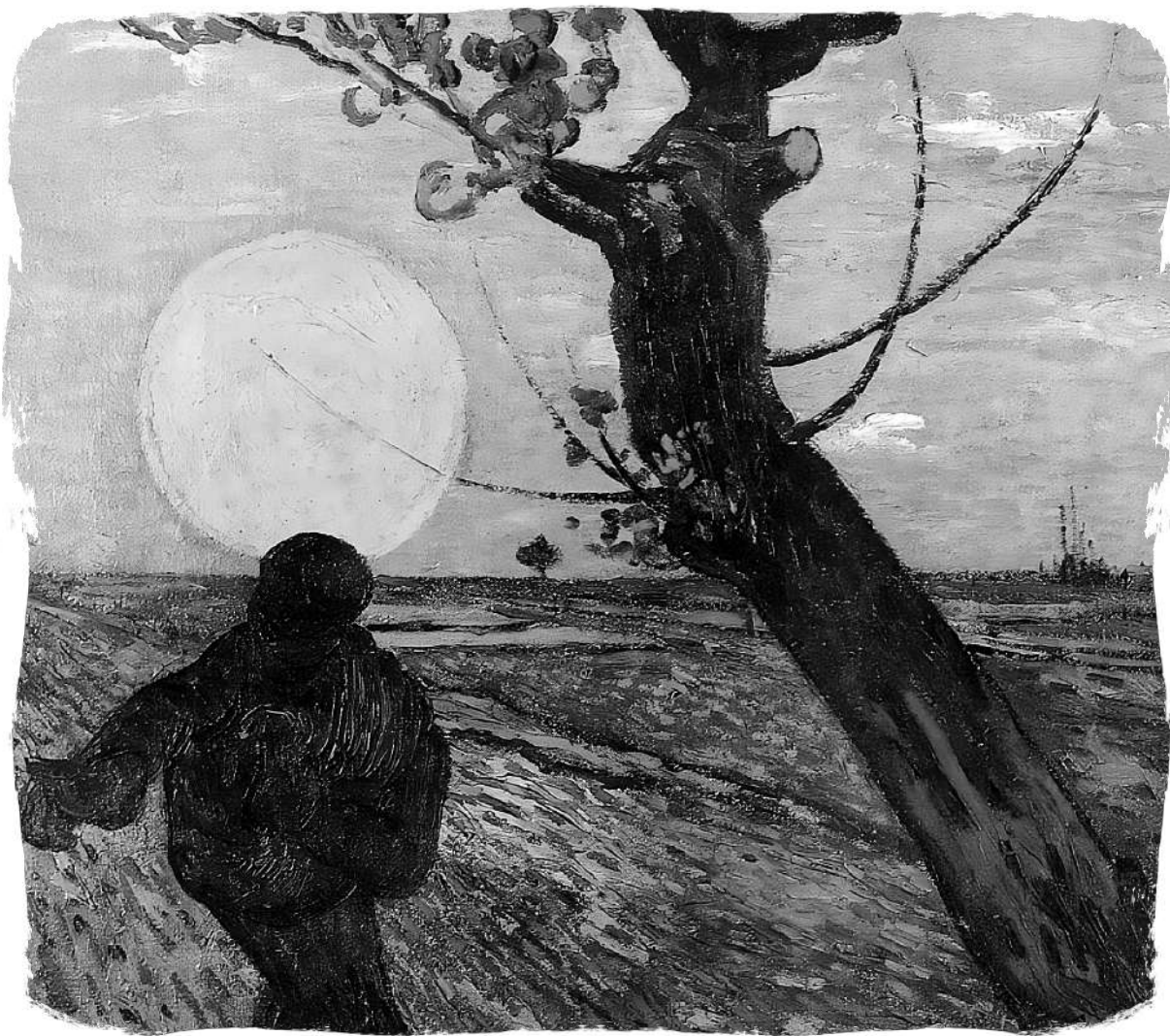
TROPICALVERSOS.COM



Pix:

poetaziao@gmail.com

NESSA EDIÇÃO DA REVISTA DE PROSA
ESCRIVERSOS TEMOS TEXTOS DE:
ALAN MOORE, TATÁ AEROPLANO,
EMÍLIA DO SANTOS, ÁLVARO DE CAMPOS
E ZIÃO DIONÍSIO, ALÉM DA
ENTREVISTA COM LEONIDAS FACHETTI E
AS DICAS DE LIVROS DO ENTREVISTADO.



Semeador no Pôr-do-Sol
Vincent van Gogh (1853 - 1890)